

CAPÍTULO V

DA VELHICE.

§ Tudo dorme, no inverno. Tudo pára. Tudo pensa. As folhas já caíram, todas. Esperam o lento desfazer-se, para que o solo seja fértil para as novas folhas que aparecerão em setembro. É curioso viver no Hemisfério Sul.

O homem velho caminha, inclinado ao vento, vestindo um sobretudo. Ele segura uma sacola de supermercado. A mulher o segue, encolhida. Ambos atravessam a rua. Cuidam para não ficarem sob as rodas de um carro.

Se a morte os tolher, será no inverno, a estação fatal.

§ Giuseppe Arcimboldo era um artista pintor. Pintou algumas séries de quadros: os quatro elementos, as estações do ano etc.

A série mais impressionante é consagrada às estações do ano. Quanto ao inverno, representou-o como um tronco de árvore, ressequido, com a forma de um rosto humano. É, naturalmente, um ancião. Mas desse tronco morto brotam, misteriosos, um limão e uma laranja.

A velhice produz cítricos.

§ Uma vez, em Rothemburg-ob-der-Tauber, o professor de alemão afastou a neve superficial do jardim do Goethe-Institut. Mágica: apareceram, frescos e coloridos, inimagináveis amores-perfeitos.

O professor não precisou explicar nada. Com um breve olhar, fez-se entender. Ele possuía os cabelos quase brancos, inverniais.

Os amores-perfeitos foram, desde então, a garantia de que a velhice, além de cítricos, pode produzir flores com esse nome tão perfeitamente amável.

§ O Comandante Bento Gonçalves da Silva, perto de morrer, e era inverno, foi um homem pobre e doente. Olhava para a janela, para a solidão do pampa. Vinham-lhe muitos sons. Sua vida, que findava, era atormentada por sons.

Tiros.

Gritos de comando. Lamentos dos feridos.

Vozes. Choros de bebês.

Os sons entravam pela casa, percorriam os corredores e caminhavam atrás de seus passos.

Ele teve a certeza de que vivia os últimos tempos, e que seria esquecido.

Ignorava os monumentos da posteridade, nos quais não há a morte: os monumentos são todos de bronze. (Esqueçamos, por piedade, que o bronze pode ser fundido a 900 graus).